

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

O singular no plural de amar

Rachel Macedo
rachmacedo@gmail.com

Estamos quase em 2026 e ainda carregamos pensamentos primitivos, preconceituosos e julgadores. Esses sentimentos aparecem até quando falamos sobre os nossos amores. Muitos acreditam que só existe um tipo de amor ou que não pode haver concomitância. Dizem que devemos amar apenas uma pessoa, pois amar mais de uma seria sinal de falta de caráter. Entretanto, aprendi com a autora Geni Nunez que esses pensamentos são criações do homem branco europeu, movido pelo poder, capitalismo e dominação pela religião. Quero citar alguns amores que passaram e ainda passam pela minha vida e que existiram ou existem no plural, mesmo que cada um seja singular. O amor materno é tão poderoso que começa antes da troca de olhares entre mãe e bebê. Muitas mães dizem que é o amor mais forte. Eu conheci esse amor como filha, porque tive uma mãe maravilhosa. Imagino como

deve ser intenso viver o amor de mãe. Enquanto estamos enebriados por esse amor materno, também é possível amar outras pessoas: um bom pai, irmãos, avós, tias, primos. Todo esse afeto faz parte da nossa vida desde crianças. Crescemos e temos amigos, sim, no plural. Cada amigo é amado, ainda que de formas diferentes. Só os ciumentos exigem exclusividade. Surge algo que não deveria existir: a ideia de subtrair amor, em vez de somar. Mais adiante, iniciamos relacionamentos amorosos e tudo se complica. A sociedade nos ensinou a amar apenas uma pessoa. Quem acolhe a possibilidade de amar mais de uma é colocado na caixinha dos promíscuos, sujos, carentes e mal-amados. Este texto é apenas um desabafo. Não estou comprometida com teorias; sei que os amores são plurais e não seria capaz de descrever sequer 1% do que existe. Estou apenas transformando em palavras meus sentimentos, que agora se abrem para acolher todas as possibilidades do AMAR.

Onde Deus possa me ouvir

Jacqueline M M Cartaxo
jac.cartaxo67@gmail.com

Esperei o dia clarear para percorrer os cômodos do nosso lar.

Fiz o café, abri a porta e fui direto para o quintal afetivo e acolhedor que divide a casa da vovó e a nossa. Fiquei debaixo do pé de carambola. Os primeiros raios de sol iluminaram um soldadinho que repousava em uma carambola, nosso “amigo” de infância. A gente pegava um punhado de areia, fazia em forma de bolo e enfeitava com tudo que o pé de carambola semeava: flores, frutos, galhos e o fofinho soldadinho. Não sei quanto tempo fiquei ali, com os pés descalços no chão frio e o café quente nas mãos.

Antes de entrar em casa, fiquei admirando nossa garagem e as lembranças dos primeiros carros que por ali passaram e nos deram imensa alegria. O barulhinho da chave do Fusca branco me veio à memória — aquele que tantas vezes saía conosco e precisava ser encostado em uma árvore ou poste porque a porta

do passageiro não fechava. Abri devagarinho a porta da sala e o vento balançou as plantinhas do nosso famoso jardim de inverno. Digo famoso porque tem as pedras mais lindas, dadas de presente pelo vovô, papai e meus tios. Eles escolheram uma por uma e é o nosso lugar de ostentação: pedrinhas envernizadas por nossas mãozinhas. Desconfio que o nosso jardim de inverno serviu de inspiração para a criação de um lugar “instagramável”, o cantinho que nossos sobrinhos e amigos também querem como cenário de um retrato memorável. Retratos nas paredes... o sorriso se renova a cada olhar. Os quartos... quantas histórias. Lugar de oração, de rezar de joelhos, com as mãos em agradecimento. Camas com cheiro de talco e gavetas perfumadas com aquele aroma de vó, de sabonetes Phebo e “par de cheiro” do Pará. E o mais lindo de todos os cômodos da casa são as pessoas que passaram, passam e permanecem em nossas lembranças. Tô com uma saudade imensa de quem não volta hoje pra casa, mas que sempre vai iluminar cada cômodo do nosso lar.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Deleitar-se

Pablo Santos
Estudante de Jornalismo

Será que eu realmente já aproveitei o verdadeiro melhor da vida? Fico imaginando quem já teve o prazer de ouvir João Gilberto ao vivo ou de dormir com ele e ouvi-lo sussurrando ao ouvido. Essa vozinha cantando *Insensatez*, que nunca será reproduzida, embargando toda a magnitude do mestre da Bossa Nova. Pensa em estar no mesmo jantar e poder conversar com Gilberto Gil, ou ouvir Milton Nascimento oferecendo uma palavra em direção ao seu ouvido, penetrando o olhar nos seus olhos.

Ah, com toda certeza, quem já se banhou no mar de Itapua viveu o melhor da vida. Quem já nadou no Zanzibar também. Mas quem já comeu a comida da minha avó teve do melhor que a vida pode proporcionar, do que a arte do ser humano poderia oferecer como preenchimento da fome de um país.

Deleitei-me no melhor da vida quando: Recebi um abraço da minha mãe. Senti a mão do meu irmão sobre o meu coração ansioso, cansado e desesperado. Quando minha avó falou que me aceitava. Quando o meu pai chorou por mim. Quando pude contar com meus amigos. Quando fui feliz por ser eu. Por pensar em mim. Por ser sensível, e, mesmo assim, ser homem. Chorei e fui feliz. Deleitando-me em mim mesmo.

CARLUS CAMPOS



O indiozinho Guary

João Teles
Professor

Guary era um indiozinho pitaguary de uns oito anos. Muito esperto, Guary falava como gente grande! Discutia assuntos adiantados para sua idade. Um dia, ele se encontrou à beira do açude com outros corumins e começou a puxar conversa:

– Gente, vocês precisam ver como está o cacique! Está cabisbaixo, triste, melancólico!

– E o que houve? – perguntou uma menina de cabelos entrançados.

– Ah, vocês não sabem? Ele esteve em Brasília, um lugar desses bem distantes, e descobriu que nossas terras ainda vão demorar um tempão para serem demarcadas.

– Meu Deus Tupã, isso vem

de longe! – lastimou-se um indiozinho coxo.

– É, a luta vem de muito longe! Até os mais velhos já falavam sobre isso. – falou Guary.

E assim continuaram conversando e lamentando que, na comunidade, não houvesse melhores escolas e atendimento de saúde. Por fim, Guary chamou todos para a mangueira bicentenária, e foram brincar um pouco. Depois voltariam a conversar sobre assuntos de índio grande. Guary iria conversar mais com o pajé e com o cacique para se inteirar melhor e discursar bem e mais. Aliás, Guary gostava mesmo era de discursar. Não podia ver um bom galho daqueles deitado que logo pulava nele. Dali improvisava discursos e animava os outros meninos.

O Ceará e a gestão (des)ambiental

Raí Kehinde
Bacharel em Ciências Sociais, escritor, curador e diretor do Negruras

As questões ambientais e climáticas estão no centro do debate nos últimos anos. Vivemos ondas de calor, enchentes e catástrofes no mundo inteiro. Nós, ambientalistas, seguimos em luta frente ao capitalismo e ao “progresso” predatório que desmata e coloca em risco territórios, culturas e suas populações.

O Ceará tem sido um lugar curioso para esse debate. A prefeitura de Fortaleza, gerida pelo PT, lançou um programa de reflorestamento da avenida Domingos Olímpio, como estratégia para contenção de calor. O fato brilhou em todos os jornais. Mas em seguida nos deparamos com o grave desmatamento de 32 hectares de mata atlântica em Fortaleza, nas margens do aeroporto local. Uma das poucas florestas existentes na capital, e que abriga diversas espécies de animais.

A empresa alemã Fraport, administradora do aeroporto, vem há anos tentando tomar essa área pública e reconhecida como APA – Área de Proteção Ambiental. Como um Estado e Capital que possuem secretarias do Meio Ambiente e se dizem engajadas na luta climática, aprovam um dos maiores processos de desmatamento do Estado? Tivemos como resposta: uma nota que deixou a desejar e uma multa de 200 mil reais para uma empresa bilionária. Esse é o valor da natureza para as autoridades do nosso Estado? Você está sentindo o sol queimando o quengo? Então se prepare, pois essa gestão desalinhada quer fazer a chapa esquentar.

Uma perspectiva de progresso e turismo vem sendo empreendida no Ceará. Semanas atrás tivemos a derrubada das barracas de praia no Grande Pirambu. O jurídicoês diz que as construções são irregulares, apontam preocupações ambientais. Mas como e por quê somente as áreas ocupadas por empreendimentos de pessoas negras e periféricas possuem uma regulamentação tão eficaz pelos órgãos públicos? É o Estado mostrando como fazer uma política com dois pesos e duas medidas.



Vivemos ondas de calor, enchentes e catástrofes no mundo inteiro.